

Uma conversa sobre metodologias e processos de criação nas artes

BRUNO PÓVOA RODRIGUES (BPR)
PATRÍCIA DOURADO (PD)

Artista visual, engenheiro agrônomo e mestre em Informações Geoespaciais pela Universidade Federal de Uberlândia. Desde a graduação, dedica-se a projetos ambientais e educativos, atuando com imagens aéreas, dados de satélite e mapeamentos temáticos. Essa trajetória despertou seu interesse pelo potencial comunicativo das imagens, e, conseqüentemente, da fotografia, levando-o a buscar novos conhecimentos no curso de Artes Visuais, por acreditar no poder transformador da arte e da educação para gerar impactos positivos na vida das pessoas.

Contato: brpvr@gmail.com

Afiliação: Universidade Federal de Uberlândia

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0076245739076077>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5275-9049>

Patrícia Dourado é investigadora do CIAC/UAlg e Professora Convidada da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve. Coordena com Cecília Salles a Pós-Graduação Lato Sensu em Processos de Criação da PUC-SP. Desenvolveu investigação de pós-doutorado em Artes: Processos de Criação pelo CIAC com bolsa FCT. É doutora e mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP com bolsas Capes, tendo realizado doutorado sanduíche no CIAC/UAlg com bolsa PDSE da Capes. É licenciada em Letras pela Universidade Federal do Ceará, com bolsa-arte na modalidade Cinema pelo Instituto de Cultura e Artes – ICA/UFC. É autora do livro “Roteiros: Da criação como experimentação” (2024).

●377

Contato: apdourado@ualg.pt

Afiliação: CIAC-Universidade do Algarve e Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0186135189156671>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0418-7071>

● **Resumo**

A entrevista compreende a pesquisa em artes como um espaço de diálogo e produção de conhecimento, no qual a escuta e a reflexão compartilhada articulam investigação e criação. A trajetória de Patrícia Dourado evidencia sua formação em Letras e Comunicação e Semiótica, influenciada pelos estudos de Peirce e pela orientação de Cecília Salles, consolidada no Grupo de Pesquisa em Processos de Criação da PUC-SP, espaço coletivo fundamental para sua constituição como pesquisadora. Sua abordagem metodológica baseia-se na crítica de processos, centrada na observação dos percursos criativos e na análise dos arquivos de criação, reconhecendo a imagem como meio, fim e matéria. O estudo dos processos contribui para desmistificar a ideia de dom, evidenciando o papel do trabalho, da prática e da reformulação constante, enquanto o instinto é entendido como resultado de aprendizagens sensíveis acumuladas. Dourado também destaca que as metodologias muitas vezes são construídas junto com a obra, integrando o próprio processo criativo. Ao tratar das diferenças entre mercado e academia, afirma que cada contexto define objetivos e modos de fazer específicos, embora haja diálogo entre eles. Por fim, aponta os desafios da curadoria diante do excesso de dados digitais e ressalta a importância dos arquivos abertos, reafirmando a criação como eixo central da produção de conhecimento em artes.

● **Palavras-chave**

Metodologia de pesquisa, Processos de criação, Artes

●378

● **Abstract**

The interview presents research in the arts as a space for dialogue and knowledge production, in which shared listening and reflection articulate investigation and creation. Patrícia Dourado's trajectory highlights her academic background in Literature and in Communication and Semiotics, shaped by the studies of Peirce and by the mentorship of Cecília Salles, and consolidated within the Research Group on Creative Processes at PUC-SP, a collective space that proved fundamental to her development as a researcher. Her methodological approach is grounded in process criticism, focused on observing creative trajectories and analyzing archives of creation, while recognizing the image as both medium, end, and material. The study of creative processes contributes to demystifying the notion of artistic "gift," emphasizing the role of work, practice, and constant revision, while instinct is understood as the result of accumulated sensitive learning. Dourado also underscores that methodologies are often constructed alongside the artwork itself, becoming integral to the creative process. When addressing the differences between market-oriented and academic contexts, she argues that each defines specific objectives and modes of practice, although dialogue between them persists. Finally, she points to the challenges of curatorship in the face of digital data overload and highlights the importance of open archives, reaffirming creation as the central axis of knowledge production in the arts.

● **Keywords**

Research methodology, Creative processes, Arts

Introdução

Ao entendermos a entrevista como um espaço de diálogo, reconhecemos que esse campo de troca opera como um ato epistemológico, capaz de gerar conhecimento por meio da escuta e da reflexão compartilhada. O processo de criação de um novo saber a partir do diálogo revela-se uma metodologia mútua. Assim como artistas antigos trocavam cartas para compartilhar conhecimentos e discutir procedimentos, hoje a criação se realiza em trocas contínuas, mediadas por diferentes suportes e contextos, em grande parte digitais e virtuais.

O exercício de dialogar com a entrevistada permitiu perceber como a investigação se cruza com a criação, evidenciando que os processos artísticos contemporâneos não se limitam ao resultado final, mas incluem as relações, os procedimentos e os materiais aplicados, considerando suas múltiplas dimensões técnicas, conceituais e metodológicas. Isso reforça a importância de estratégias que promovam a construção consciente do conhecimento.

Nesse contexto e com grande satisfação que abrimos este dossiê “Epistemologia da Pesquisa em Artes Visuais: aportes teórico-metodológicos” com a entrevista da Dra. Patrícia Dourado, Investigadora do CIAC – Centro de Investigação em Artes e Comunicação da Universidade do Algarve, professora convidada na mesma instituição, doutora e mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, roteirista, orientadora, professora, mãe e profissional incansável.

●379

Gostaria de começar pelo começo.

BPR - Por que Letras e o que te levou para a comunicação e semiótica?

PD - Letras foi uma daquelas escolhas descuidadas da juventude, mas muito sincera. Eu achava que era uma faculdade para escritores. Gostava muito de ler e tinha curiosidade de saber como se escrevia. Imaginava que isso se aprenderia na faculdade. De algum modo, talvez sim, mas a verdade é que não sabia na época que Letras era um curso cuja principal saída profissional era a docência.

A Comunicação e Semiótica veio depois, no mestrado. Em uma altura, fazia Direito e Letras ao mesmo tempo. Fiz uma disciplina opcional de Semiótica (não gostava das disciplinas do Direito, compensava fazendo as opcionais na Comunicação) e gostei muito. Lia a semiótica do Peirce e achava bonita a filosofia dele, o que despertou o interesse em pesquisar o programa da PUC-SP e descobri a Cecília Salles, que relacionava Semiótica com Processos de Criação. Uma porta enorme de interesse se abriu. Abandonei o Direito, terminei Letras e, enquanto estava no último semestre, tentei o mestrado da PUC-SP, para ser orientanda da Cecília.

•380

BPR - Foi a partir da Cecília que você teve contato com o Grupo de Pesquisa em Processos de Criação da PUC-SP? Como esse grupo funcionava na época e como funciona hoje? E qual foi a importância dele na sua formação como pesquisadora?

PD - Sim, o Grupo de Pesquisa em Processos de Criação da PUC-SP é onde os orientandos da Cecília e outros interessados se reúnem quinzenalmente para falar das pesquisas em andamento, das leituras e das dúvidas que surgem. São como orientações partilhadas.

Comecei a fazer parte dele em 2008, quando entrei no mestrado, percebendo muito pouco de tudo o que lia e muito envergonhada para perguntar. Era muita novidade, e eu não entendo as coisas de primeira, nem de segunda e, muitas vezes, nem de terceira. A própria ideia de escolher algo que eu desejasse estudar (um projeto de pesquisa) era completamente nova para

mim. A relação com os membros do Grupo, nesse sentido, foi fundamental. Pensar com eles me ajudou, e ainda ajuda muito, a perceber as coisas em uma dimensão menos afundada apenas nos meus interesses ou na pesquisa daquele momento.

Também há uma extensão do grupo no WhatsApp. Algumas vezes, as discussões começam a partir de algo levado para lá, como foi o caso de um artigo que escrevemos juntos, “Queimar e postar: materializar arquivos imateriais” (Manuscrita, n. 44, 2021), que surgiu de um comentário no grupo sobre um artista, Carlos Vergara, que estava filmando a queima de esboços e de trabalhos iniciados e que não havia gostado.

A questão da criação em grupo é, naturalmente, algo importante para nós, talvez porque aprendemos a perceber, pelo estudo dos processos de criação, que nem mesmo os processos considerados individuais são apenas individuais; eles também se constroem dentro de alguma relação de comunidade com os outros. Algo que passamos a buscar vivenciar de maneira mais consciente em nossas práticas, seja de investigação, seja de criação.

●381

O Grupo com a Cecília acaba sendo esse espaço de construção partilhada para nossas pesquisas, que se entrelaçam umas nas outras. É uma prática que aprendemos com ela, que demonstra interesse genuíno pela pesquisa do outro, pelo diálogo, que seguimos cultivando entre nós, mesmo depois de concluídos os mestrados e doutorados que inicialmente nos aproximaram.

BPR - Como definiria o seu método de pesquisa e a quais abordagens ele mais se aproxima?

PD - A crítica de processos proposta pela professora Cecília Salles tem entre suas referências de base os princípios da semiótica peirceana que, por sua vez, se orienta por uma abordagem fenomenológica, tendo a observação atenta dos fenômenos como ponto de partida. Seguimos observando os processos de criação como ponto de partida para os nossos trabalhos. Entretanto acredito que a crítica de processos, hoje, enquanto ferramenta teórico-metodológica para pensar processos de criação tem legitimidade para ser apresentada como

uma abordagem em si, a quem desejar desenvolver estudos na área. Neste caso, diria que ela oferece uma abordagem que tem a observação e/ou acompanhamento dos processos de criação (perspectivos, atuais e prospectivos) como ponto de partida para o desenvolvimento de estudos na área, acessíveis por meio da ampla materialidade dos arquivos da criação.

BPR - Como a senhora compreende o processo metodológico voltado à visualidade em roteiros ou outras produções e, nesse contexto, a visualidade atua como meio, como fim ou como ambos no processo de criação?

PD - Lembrei de uma aula sobre os estudos da imagem, em que havia um trabalho a ser entregue, e eu sentia muita dúvida sobre como faria. Por trabalhar com roteiros, achava que não operava com a imagem no nível que o trabalho pedia. Quando na verdade também é minha matéria de criação, e de entrega também, ainda que em outra natureza, imagens imaginadas, imagens mentais e culturais, talvez. E, nessa natureza, todos nós, em contexto de criação, trabalhamos com imagens de algum modo. Tanto criando imagens como criando a partir de imagens, o que a Cecília Salles chama de imagens geradoras.

•382

Sei que a questão da visualidade tem outros meandros, tem a ver também com repertório, ponto de vista e lugar histórico-social de onde se vê (observa, contempla, visiona...). Mas quando pensada como imagem, em sua criação e em sua recepção, visualidade e imagem se cruzam intimamente. Muitas vezes isso acontece exatamente quando nos detemos nas camadas da criação e nas redes culturais onde a criação se desenvolve. E o roteiro é um procedimento exatamente de imaginar e fazer imaginar imagens.

Respondendo mais diretamente à pergunta, acredito que a visualidade pode ser tanto fim como meio e matéria de criação. Quanto ao processo metodológico, acredito que este se constrói junto com o que está a ser criado. A mesma sensibilidade, investigação e experimentação necessárias à criação de uma obra são também necessárias à criação dos modos de fazer essa obra, os seus métodos.

BPR - De que maneira o conhecimento de metodologias de pesquisa contribui para a produção artística? Isso repercute no modo como o artista cria?

PD - Quanto às metodologias, acredito que são inerentes ao pensamento processual. Estamos sempre em busca de encontrar o melhor jeito de fazer algo. O pensamento estratégico, mesmo de uma tarefa simples, carrega um gérmen de criatividade possível em relação ao seu fazer.

A diversidade de repertório que experimentamos com o conhecimento de diversas metodologias de diferentes criadores, combinada a esta abertura sensível que comentei anteriormente, pode em alguma medida contribuir também para a própria produção artística. Entretanto, a produção artística requer muito mais que metodologias; sem abertura sensível para pensá-las não penso que possam ter muito a contribuir com a produção artística em si.

O fazer artístico é muito mais amplo do que um conjunto de metodologias. Talvez, em outras áreas, um conjunto de métodos seja suficiente. Mas, no contexto artístico, é preciso rever tudo com mais cuidado, para evitar que o campo da arte, quando vivenciado dentro da universidade, seja carregado por questões que não apenas lhe são alheias, mas que podem ser diametralmente opostas ao próprio pensamento artístico, como a tendência à reprodução ou a um modo de pensar mais enrijecido.

●383

Este é um dos pontos que a universidade tem a aprender com a arte, sem que seja preciso misturar por inteiro seus escopos. A resistência ao pensamento enrijecido e à reprodução como modelo, por exemplo, podem ser contribuições do pensamento artístico para o pensamento acadêmico, guardadas as devidas proporções do escopo e do contexto de atuação de cada um.

É importante destacar que todo artista realiza pesquisa em meio aos seus processos. A curiosidade e a vontade de saber que acompanham o artista estão muito próximas da disposição investigativa que move pesquisadores na universidade.

Não é de se estranhar que esses dois campos estejam cada vez mais próximos e que projetos de investigação-criação tenham se multiplicado em diversas universidades ao redor do mundo, trazendo contribuições importantes

para evidenciar a necessidade de manter vivo o pensamento artístico e a capacidade de criação dentro do espaço de produção de conhecimento que é a universidade.

BPR - O estudo das metodologias dos processos de criação contribui para desfazer a ideia de um dom artístico ou de uma criação puramente instintiva? E até que ponto o instinto participa desses processos?

PD - Sim, penso que essa seja uma das contribuições da abordagem dos processos de criação para o estudo das práticas, uma certa desmistificação, se assim podemos dizer, de dons ou talentos mágicos. O que encontramos ao estudar uma grande diversidade de processos de criação, como a teoria crítica dos processos de criação faz, são diferentes modos de construção de obras e, também, de modos de fazer. Muitos deles repletos de dificuldades e resistências as mais diversas, em que as soluções encontradas pelos criadores, diante das falibilidades inerentes aos processos de criação, demonstram quanto de trabalho, estudo, refação e aperfeiçoamento esses processos envolvem.

●384

Quanto ao instinto, acredito que ele também é algo construído, sobretudo a partir do que a nossa pele aprende no contato com as experiências, ainda que muitas vezes não tenhamos plena consciência disso. O instinto pode fazer parecer que uma determinada decisão em um processo de criação surge do nada, mas essa pele já viveu algo semelhante em outras situações, em alguma abertura sensível, e esse aprendizado se manifesta nas escolhas estéticas ou nas abordagens que adotamos, mesmo sem grandes elaborações. Por isso parecem decisões quase mágicas, quando, na verdade, nossa vivência sensível, inclusive de outros processos, carrega muita inteligência. É assim, por exemplo, nos ensaios corporais de um espetáculo, que transformam a experiência do ensaio em algo próximo do que chamamos de agir por instinto. O mesmo vale para o pé na embreagem enquanto conduz um carro, que com o tempo se torna um gesto instintivo, mas que vem da prática e do aprendizado do corpo.

Ao tocar no termo “metodologias” na pergunta, reforço que no campo dos processos de criação, se estamos falando de fato em criar algo, há muito

risco e falibilidade envolvidos. Se irá ser criado, a princípio não é algo que existe. É a “vida + um” que fala o poeta Ferreira Gullar¹. Existe a vida, o que conhecemos, e esse “+ um”, que é o que somamos à existência a partir das nossas criações.

Por estarmos no campo da criação, é de se saber que muitas vezes as próprias metodologias precisam ser criadas junto com aquilo que está a ser criado, elas mesmas são parte da criação. Fora isso, estaríamos falando de reprodução, repetição cega, maquínica, que, embora possa ser um processo, não seria um processo de criação, pelo menos não no conceito de criação que a nossa língua conhece, pois nada estaria a ser criado, apenas repetido ou reproduzido. O que é também, ou vejo ser, uma das contribuições deste campo para os estudos desenvolvidos na universidade e para a construção de conhecimento que se deseja potencialmente criadora.

BPR - Pela sua experiência, quais são as principais diferenças entre o processo de criação no mercado, como o da roteirização, e o da academia? E de que forma um dialoga ou contribui com o outro?

●385

PD - Acredito que a criação está em tudo o que fazemos. Criar é um dos nossos modos de perceber e organizar o mundo. Mas há diferentes modos de criar, guiados por diferentes objetivos.

Os objetivos da criação, no que chamamos de mercado, por exemplo, seguem as leis e os propósitos desse mercado, ou daquele mercado em determinada situação. Trata-se do que chamamos de contexto de trabalho de cada processo de criação, que traz para o processo as marcas e os princípios orientadores do contexto de atuação daquele projeto, que se entrelaçam aos nossos próprios objetivos específicos enquanto criadores.

Sejam projetos de roteiros, de educação ou de investigação, encontraremos diferentes contextos de criação e, conseqüentemente, diferentes processos (ou modos de fazer) para cada projeto diante dos sujeitos envolvidos. Costumamos dizer que cada projeto, em cada contexto específico,

¹ <https://www.youtube.com/watch?v=TX1QeVwN0zQ>

irá desenhar um novo modo de fazer e, por consequência, um novo processo, a partir das relações estabelecidas dentro desse novo contexto. Isso não quer dizer que não haja semelhanças ou que a experiência de um processo não possa contribuir para outro.

Gostaria de enfatizar aqui a necessidade de uma abertura sensível para perceber as necessidades de cada projeto específico e, a partir daí, fazê-las dialogar com a experiência dos criadores envolvidos e com o conhecimento amplo sobre os modos de fazer de cada área. Nesse sentido, acredito que um contribui sempre com o outro, seja em menor ou maior escala, dependendo da interligação entre os diferentes contextos.

Dito isso, acredito que onde houver o objetivo de aproximar mercado e produção de conhecimento compartilhado na universidade, essa aproximação deve também ser enfatizada desde seus princípios orientadores e objetivos em comum.

●386

BPR - Com o avanço das tecnologias de registro disponíveis, especialmente no contexto do *bigdata*, qual é o maior desafio para pesquisar processos criativos e todo vestígio de processo pode ser considerado material de investigação?

PD - Um dos desafios em relação aos arquivos da criação hoje é, também, uma das nossas principais vantagens: o grande volume de dados e de suportes de arquivamento disponíveis. Como operar curadoria em meio a isso? O que é qualidade de informação de estudo e o que é só quantidade (ainda que isso seja algo revelador sobre o nosso tempo também)?

A isso, somaria a ilusão de totalidade ou de eternidade dos arquivos que essa diversidade de suportes e que o advento do digital pode falsamente fazer pensar. Ao mesmo tempo, reforço um bem valioso do nosso tempo, para alguns estudos. Os arquivos da criação de acesso público e aberto, como entrevistas, conversas em podcasts, programas etc., que hoje encontramos um pouco mais disponíveis algumas vezes sobre algum artista que admiramos, ou até mesmo nosso, conservado pela partilha.

Sobre todo processo poder ser um material em potencial para a pesquisa, acredito que sim, se aos olhos de quem estuda, achar que a relação entre aqueles materiais poderia ser de interesse para um determinado campo, por exemplo.

BPR - Hoje como docente e pesquisadora qual é o ponto de partida da sua pesquisa? Utiliza uma metodologia como ponto de partida? Você trabalha com documentos de processos criativos, com a fala de artistas, com registros pessoais? O que nutre sua curiosidade para pesquisar?

PD - Acho que hoje caminha um pouco entre as minhas próprias práticas dentro da universidade, atualmente mais na sala de aula, entre docência, acompanhamento de projeto dos alunos, orientação de trabalhos, edição da revista e da Coleção Processos de Criação² do CIAC, bancas etc. Ainda escrevo roteiros, hoje principalmente para projetos corporativos, mais por questões profissionais do que por interesse genuíno.

●387

Guardo sempre um pouco de tudo como documento de processo e, hoje, isso inclui principalmente os projetos dos alunos. Mas as aulas, por exemplo, também gosto de prepará-las a partir do estudo dos processos de artistas, mesmo em disciplinas como estética ou história da arte.

Quanto à escolha da pesquisa acho que é mista: é um pouco o que desejamos e um pouco o que temos diante de nós - as condições e opções disponíveis. Os contextos de financiamento de pesquisa ditam também em parte o que se vai estudar. Se vai ser útil para um determinado programa ou área, em parte por interesses próprios e em parte porque é o que há, isso também influencia os caminhos da pesquisa.

² <https://processosdecriacao.ciac.pt/>

Considerações finais

BPR - Chego ao fim desta conversa muito satisfeito e verdadeiramente impressionado com sua trajetória, com o ritmo intenso do seu trabalho e com tudo o que você desenvolve. Acredito que esta troca foi uma experiência extremamente rica, capaz de provocar ideias, perspectivas e novos caminhos de reflexão. Agradeço pela oportunidade de conhecer também seu lado humano como docente e pesquisadora.

PD - Fui o mais sincera e realista que podia. Gosto muito do que faço, apesar do malabarismo. Gostei muito das perguntas, o que pude pensar a partir delas, da tua iniciativa e da tua condução sensível ao processo de entrevista, obrigadíssima!

•388

Como Citar

Uma conversa sobre metodologias e processos de criação nas artes. **ouvirOUver**, [S. l.], v. 21, n. 2, p. 376–388, [s.d.]. DOI: [10.14393/OUV-v21n2a2025-81519](https://doi.org/10.14393/OUV-v21n2a2025-81519). Disponível

em: <https://seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/81519>. Acesso em: 23 fev. 2026.



A revista ouvirOUver está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.